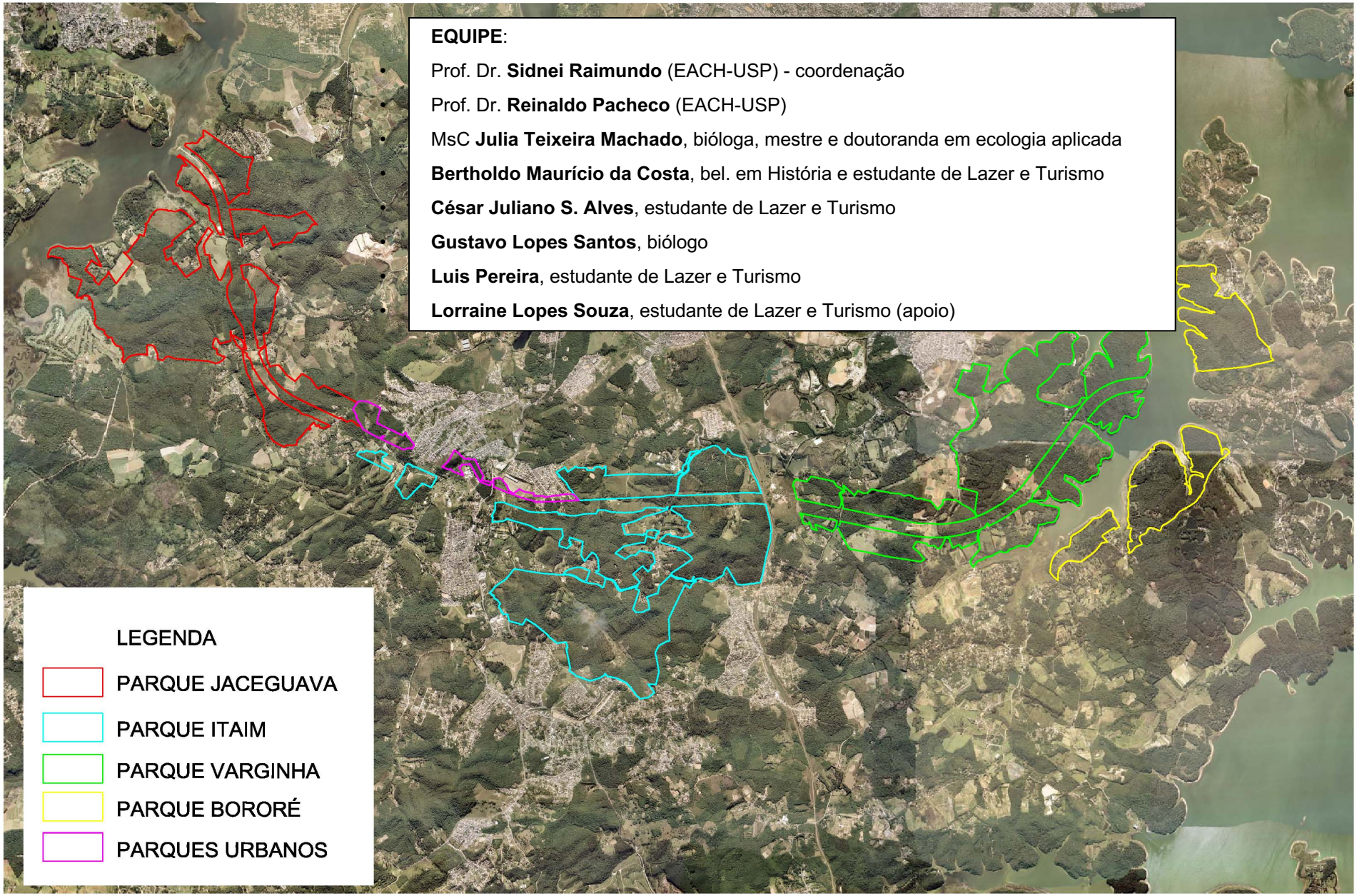
PROJETO RODOANEL

PROGRAMA DE USO PÚBLICO



CONEXÕES DOS BAIRROS COM CENTROS REGIONAIS

Avenidas: Teotônio Vilela e Interlagos – eixos integradores a zona sul (Santo Amaro)
Serviço de vans e ônibus por estas vias e dos terminais como o Varginha

- Av. Dona Belmira Marin (Bororé e Varginha)
- Av. Pedro Guilger Reimberg (Bororé e Varginha)
- Av. Sadamu Inoue (Itaim)
- Av. Jaceguava (Av. Hermann von Hering) (Jaceguava)

Dificuldades para deslocamento a trabalho e lazer:

No Bororé – acordam cerca de 4 ou 5 h da manhã para trabalhar
No lazer: entre 30’ e 1h para chegarem a shoppings ou hipermercados no sul de São Paulo (Interlagos principalmente)

- Fazer compras e passear no shopping (dias de pagamento)
- conhecem mas não frequentam os CEUs da região
- sobre parques – Ibirapuera é citado como referência de visitação

Mudanças rápidas de função nos bairros do entorno dos parques

– De **RURAL PARA URBANA**

O rural permanece no imaginário e nas representações ou como “alvéolos” onde a urbanização ainda não se instalou – predominante no Itaim

Atratividade da paisagem para as práticas de lazer e turismo:

- **Binômio água e floresta**

- Água – nas represas – com desenvolvimento de esportes náuticos, natação, contemplação

- Floresta – remanescentes florestais e rural – trilhas, contemplação / educação ambiental

Equipamentos que reforçam essas atividades neste locais:

– bares, clubes, marinas

Futebol – embora importante nos bairros consolidados, nos locais junto aos parques é a relação floresta x água que se expressa mais fortemente

Problemas de Lazer – relacionados à integração e estrutura social

Não há equipamentos ou atividades que integrem a comunidade

Igreja – não há atuação da católicas nem evangélicas. A igreja centenária do Bororé oferece as missas. Eventos esporádicos e não sistematizados não são referência para a comunidade

Escolas – não funcionam nos finais de semana, não há “escola da família”

Praças – não existem, como equipamento de convívio social,

Privatização dos espaços

As práticas de lazer se expressam junto aos bares, clubes, chácaras e sítios, que impedem o acesso direto a represa ou outros locais. Há raras exceções, como as barracas junto à balsa e o Recanto do Sol.

Se fala muito do turismo na Ilha do Bororé. Tem o turista que vem aqui, mas é como você viu. Vem aqui, aluga um barco, mas é gente de fora. O morador da Ilha se fecha dentro de casa no final de semana para não ser atropelado no meio da rua, nós já tivemos vários acidentes de atropelamentos aos finais de semana de pessoas que vêm de fora para curti dentro da Ilha. Ai eles vêm, fazem o piquenique perto da represa, pesca, deixa a sujeira e vai embora. E a sujeira fica para nós, para prejudicar os moradores, né? Ai vai poluir a água, vai sujar e traz danos para a gente (senhora Natália, moradora local e tesoureira da associação de moradores da Ilha do Bororé)

Gostaríamos que tivesse em primeiro lugar um policiamento, que a gente já teve a base comunitária lá, pra não ter briga na fila, para as pessoas cortar a fila, não passarem na frente na fila, para que tivessem respeito, que cabe em qualquer lugar, não é verdade? Ultimamente, não tem tido policiamento. A gente queria um espaço também que pudéssemos ter um estacionamento, para que as pessoas para vir às barracas tenham onde deixar o carro, muitas pessoas chegam deixam carros na frente, vão beber, e forma fila dupla, a fila que sai da balsa sentido Grajaú não tem como passar, fica tudo parado, a turma não se organiza, eu vira e mexe estou brigando lá. Se a gente vai fazer alguma coisa, já puxam arma, já brigam, já discutem, já xingam palavrão, se torna uma coisa muito desgastante e assim, atrapalha a gente que acaba passando nervoso de mais, é uma coisa bem complicada. Ali é a praia dos pobres, eles vão ali para a beira da represa, e a prefeitura fechou a Prainhas Clube (...). É, que o povo vai lá tomar banho, tem gente que traz um churrasquinho e traz a churrasqueira, outras fazem no chão, nas pedras. Ali é o conviver do pobre, do povo, a gente gostaria que tivesse bombeiro, um policiamento mais freqüente para poder ajudar a gente, que na hora de uma briga a gente tivesse a quem recorrer (dona América, moradora local, membro da Associação dos Comerciantes da Balsa Bororé).

Os moradores sofrem muito com a falta de estrutura básica pública, como creche, carência de opção de lazer para todos os moradores, transporte precário

"Nós nunca tivemos nada, nós sempre que fomos meio que isolados do poder público. Do olhar do poder público para nós. Então assim, a gente brigou para ter uma creche na Ilha do Bororé, uma área de lazer, para ter pré-escola para as crianças. E nada disto a gente nunca conseguiu." (senhora Natália, moradora local e tesoureira da associação de moradores da Ilha do Bororé)

"Parelheiros: o tapete onde se esconde a sujeira urbana. (...) Turismo aqui na região acaba beneficiando 2 ou 3, de fora. Não a população."